



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

**JONAS SOUZA ALMEIDA
VIVIANE DOS SANTOS ARAÚJO**

LIVRO-REPORTAGEM ME IDENTIFICO

**CAMPINA GRANDE - PB
2025**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

**JONAS SOUZA ALMEIDA
VIVIANE DOS SANTOS ARAÚJO**

LIVRO-REPORTAGEM ME IDENTIFICO

Relatório técnico de produto midiático (Livro-reportagem Me Identifico) apresentado ao Curso de Jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bachareis em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima.

**CAMPINA GRANDE - PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447I Almeida, Jonas Souza.
Livro-reportagem Me Identifico [manuscrito] / Jonas Souza
Almeida, Viviane dos Santos Araújo. - 2025.
41 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima, Departamento de Comunicação Social - CCSA".

1. Livro-reportagem. 2. Usuários de drogas. 3. Drogas. 4. Jornalismo Literário. 5. Campina Grande-PB. I. Título. II. Araújo, Viviane dos Santos.

21. ed. CDD 070.4

JONAS SOUZA ALMEIDA

LIVRO-REPORTAGEM ME IDENTIFICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em: 28/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Verônica Almeida de Oliveira Lima** (***.376.064-**), em **14/06/2025 11:40:40** com chave **8b534672492d11f0a92e1a1c3150b54b**.
- **Kleyton Jorge Canuto** (***.938.564-**), em **14/06/2025 16:06:24** com chave **aa7b1a28495211f09faa1a7cc27eb1f9**.
- **Roberia Nadia Araujo Nascimento** (***.070.314-**), em **15/06/2025 16:52:08** com chave **38bafc5c4a2211f08bb406adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 15/06/2025

Código de Autenticação: af5fba



AGRADECIMENTOS

JONAS SOUZA

Agradeço, primeiramente, a Deus, a quem credito minha existência e que tem me guiado, mesmo sem que eu seja merecedor de todas as bênçãos recebidas.

Aos meus pais, que foram o alicerce dessa trajetória universitária, deixo minha mais sincera gratidão. Em especial, ao meu pai, Josivaldo, que sempre foi minha maior inspiração e incentivador. Seu apoio incondicional foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

À Professora Verônica Oliveira, minha orientadora, pelo suporte e dedicação ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

À minha amiga Viviane Araújo, a quem agradeço profundamente.

À todos os professores, por cada ensinamento compartilhado e por sua importância direta na minha formação acadêmica e profissional.

Aos amigos que fiz durante o curso, pelas conversas, risadas e por cada momento vivido ao longo dessa caminhada.

Ao cinema, fonte de inspiração e maneira de enxergar o mundo sob novas perspectivas.

E, por fim, meu agradecimento especial aos entrevistados, que confiaram em nosso projeto e compartilharam suas histórias conosco. Seus relatos deram vida e sentido ao livro-reportagem que desenvolvemos.

VIVIANE ARAÚJO

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus por ele estar sempre presente em minha vida, por me abençoar tanto e por me dar discernimento, sabedoria e me guiar para enfrentar os desafios desta jornada. Aos meus pais, Antonio e Marcielia, e aos meus irmãos, Vanderleia, Johny e Ruan, sou imensamente grato pelo amor incondicional, apoio constante e pelos valores que sempre me transmitiram. Vocês são a base de tudo o que sou, e sem vocês, esta conquista não teria sido possível.

À professora Verônica Oliveira, minha orientadora maravilhosa, queria deixar aqui o meu muito obrigada por tudo – por cada conversa, cada ajuste, cada "*vamos melhorar isso aqui*" que fez toda a diferença. Você não só me guiou nesse trabalho com paciência e sabedoria, mas também me acolheu nos momentos de dúvida e me incentivou quando mais precisei. Suas palavras de encorajamento foram um alento nos dias mais desafiadores. Foi incrível ter você não só como orientadora, mas como mentora – alguém que realmente se importa, explica com clareza, cobra na medida certa e ainda motiva com aquelas frases que a gente leva para a vida. Sua contribuição foi essencial, não só para a conclusão deste trabalho, mas também para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Muito obrigada por tudo!

Aos meus amigos e colegas de curso que estiveram ao meu lado nos momentos difíceis, compartilhando conhecimento, motivação e boas risadas. E, principalmente, ao meu amigo Jonas Souza, que faz parte deste trabalho comigo nessa jornada tão desafiadora. A todos os professores que contribuíram para minha formação, transmitindo conhecimento e inspiração ao longo dos anos. Em especial, ao professor Moisés Araújo, que me incentivou do começo ao fim e foi essencial para essa minha jornada. Por último, manifesto minha profunda gratidão aos entrevistados deste estudo, que depositaram em nós sua confiança e nos concederam a oportunidade de compartilhar suas histórias.

RESUMO

O presente trabalho documenta a produção do livro-reportagem “Me Identifico”, uma obra em formato digital que se baseou em entrevistas com seis usuários de drogas lícitas e ilícitas residentes em Campina Grande, Paraíba, em diferentes fases de consumo. Com 80 páginas, o livro é dividido em capítulos que narram a trajetória de cada personagem, desde as primeiras vivências na infância até os enfrentamentos da dependência química. Utilizando técnicas do Jornalismo Literário, a narrativa busca promover uma abordagem sensível e não estigmatizante do tema, convidando os leitores à empatia e à reflexão. Os relatos indicam motivações para o envolvimento, impactos pessoais e sociais, a influência do ambiente familiar e as estratégias para lidar com as drogas. Também emergem padrões recorrentes, como a associação entre vulnerabilidade social e o início do consumo, além da relevância das redes de apoio.

Palavras-chave: Drogas; Usuários de drogas; Livro-reportagem; Jornalismo Literário; Campina Grande-PB.

ABSTRACT

The present work documents the production of the digital book-report "I Identify Myself", based on interviews with six drug users living in Campina Grande, Paraíba, in different stages of use and recovery. With 80 pages, the book is divided into chapters that narrate the trajectory of each character, from their first experiences in childhood to their struggles with drug addiction. Using techniques from Literary Journalism, the narrative seeks to promote a sensitive and non-stigmatizing approach to the subject, inviting readers to empathy and reflection. The personal accounts indicate motivations for involvement, personal and social impacts, the influence of the family environment and strategies for dealing with drugs. Recurring patterns also emerge, such as the association between social vulnerability and the onset of drug use, in addition to the relevance of support networks.

Keywords: Drugs; Drug Users; Book-Report; Literary Journalism; Campina Grande-PB.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro-reportagem “Me Identifico” no Indesign.....	18
Figura 2 - Segunda capa do livro-reportagem “Me Identifico” no Indesign.....	19
Figura 3 - Sumário do livro-reportagem “Me Identifico” no Indesign.....	20
Figura 4 - Corpo do texto do livro-reportagem “Me Identifico” no Indesign.....	21
Figura 5 - Página introdutória do livro-reportagem “Me Identifico” no Indesign.....	26
Figura 6 - Foto utilizada no capítulo 1.....	27
Figura 7 - Foto utilizada no capítulo 2.....	28
Figura 8 - Foto utilizada no capítulo 3.....	29
Figura 9 - Foto utilizada no capítulo 4.....	30
Figura 10 - Foto utilizada no capítulo 5.....	31
Figura 11 - Foto utilizada no capítulo 6.....	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Justificativa.....	10
1.1.1 Referencial teórico.....	12
1.1.2 Jornalismo Literário.....	14
2. DETALHAMENTO TÉCNICO.....	16
2.1.1 Descrição do produto.....	16
3. PROJETO GRÁFICO.....	17
3.1.1 Estilo visual adotado.....	17
3.1.2 Tipografia.....	18
4. PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	22
4.1.1 Processo de produção do produto midiático.....	22
4.1.2 Seleção dos entrevistados.....	23
4.1.3 Roteiro semiestruturado utilizado nas entrevistas.....	23
5. MONTAGEM DO LIVRO-REPORTAGEM “ME IDENTIFICO”.....	25
5.1.1 Cronograma do trabalho.....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
7. REFERÊNCIAS	
8. APÊNDICES	

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho documenta o processo de criação de um livro-reportagem em formato digital, desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. A obra, intitulada “Me Identifico”, surge em um contexto nacional marcado por discursos polarizados sobre drogas: de um lado, a criminalização e o estigma; de outro, a romantização ou a invisibilização das histórias reais por trás do uso de substâncias. Diante dessa lacuna, o projeto buscou humanizar o debate, substituindo generalizações por narrativas individuais, complexas e sensíveis, que revelam as múltiplas faces dos usuários de drogas, indo além dos dados estatísticos e das abordagens estigmatizantes.

Nesse sentido, este trabalho se dedica a documentar o processo técnico e editorial envolvido na construção do livro-reportagem. Os objetivos incluem apresentar dados contextuais que justifiquem a relevância da abordagem adotada, detalhar as técnicas de edição e construção narrativa aplicadas — com ênfase na sensibilidade do Jornalismo Literário — e descrever as decisões relacionadas ao uso de recursos multimídia e ao design da obra. A intenção é proporcionar uma visão ampla sobre como se estruturou a narrativa jornalística humanizada sobre um tema complexo e ainda cercado por preconceitos.

Para isso, as seis entrevistas, realizadas de forma presencial, no bairro da Liberdade em Campina Grande, Paraíba, e remota (respeitando a preferência de entrevistados que não se sentiam à vontade com encontros presenciais), permitiram capturar os relatos e o ambiente emocional e físico que cerca cada história. A narrativa se constrói a partir das experiências de usuários de substâncias em diferentes estágios e contextos de consumo e recuperação, sendo cinco homens, com idades entre 20 e 52 anos, e uma mulher de 24 anos. A escolha do bairro da Liberdade como cenário não foi intencional, mas pertinente, já que ali, a Feira da Liberdade, as praças públicas e a sede do Narcóticos Anônimos (NA), simbolizam tanto a vulnerabilidade social quanto a resistência cotidiana de quem convive com o vício.

Com base nessa imersão, e utilizando técnicas do Jornalismo Literário, o livro mergulha nas trajetórias dos entrevistados, desde suas infâncias, muitas marcadas por violência doméstica, pobreza e exclusão, até os momentos decisivos de primeiro contato com as drogas, as quedas e as tentativas de reconstrução. Descrições dos espaços e das expressões durante os depoimentos buscam conectar o leitor à intimidade dessas vidas, distanciando-se de abordagens sensacionalistas. O projeto revela como o crack destruiu famílias, mas também como o Narcóticos Anônimos e o apoio familiar se tornaram faróis para alguns; como a

maconha serviu de automedicação para a ansiedade de jovens universitários, mas também como o álcool foi herança dolorosa de pais violentos.

Com esse recorte, o público-alvo do livro-reportagem “Me Identifico” abrange um amplo e diversificado grupo de leitores interessados em compreender os efeitos do uso de drogas, suas causas e consequências sociais. A obra se dirige a profissionais da saúde e pesquisadores. Também busca alcançar famílias e comunidades impactadas direta ou indiretamente pelo uso de substâncias, auxiliando-as na compreensão de suas experiências e desafios. Além disso, o livro visa atingir o público em geral, incluindo leitores que se interessam por questões sociais e buscam uma abordagem humanizada do assunto. Por meio de uma narrativa acessível, a obra ainda pode alcançar indivíduos que vivenciam dramas pessoais relacionados às drogas, promovendo reflexão e identificação por meio do conteúdo apresentado.

Por fim, além de documentar histórias, o livro-reportagem explora os mecanismos sociais que perpetuam ciclos de dependência, como a falta de políticas públicas eficazes, os impactos da jornada de trabalho exaustiva (6x1), a fragilidade das redes de apoio e o estigma que dificulta a reinserção social. Ao mesmo tempo, destaca estratégias individuais de superação, como a terapia e a espiritualidade.

1.1 JUSTIFICATIVA

A discussão sobre o uso de drogas configura-se como uma das questões mais urgentes e complexas da atualidade, exigindo uma abordagem multifacetada que considere aspectos de saúde pública, direitos humanos, políticas sociais e representação midiática. A relevância do tema se justifica por sua complexidade e impacto social.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica a dependência química como “estado psíquico e algumas vezes físico resultante da interação entre um organismo vivo e uma substância, caracterizado por modificações de comportamento e outras reações que sempre incluem o impulso a utilizar a substância de modo contínuo ou periódico com a finalidade de experimentar seus efeitos psíquicos e, algumas vezes, de evitar o desconforto da privação”. Seguindo essa definição, trata-se de uma doença crônica e um problema de saúde pública, que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, independentemente de classe social, raça, etnia, gênero ou idade. Seus impactos vão além da esfera individual, atingindo famílias, comunidades e a sociedade como um todo.

Segundo Fidalgo, Pan Neto e Silveira (2012), a dependência química é um fenômeno influenciado pela interação de três fatores principais: o meio ambiente (que inclui a disponibilidade da substância e o contexto social), a substância (com seu potencial de abuso e efeitos fisiológicos) e o indivíduo (envolvendo aspectos genéticos, biológicos e psicodinâmicos). Além disso, a desigualdade social, a falta de acesso a serviços de saúde e a cultura do uso de drogas ampliam a prevalência da problemática.

O Relatório Mundial sobre Drogas 2022, do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), aponta um cenário alarmante: aproximadamente 284 milhões de pessoas entre 15 e 64 anos consomem drogas em todo o mundo. Essa população transita na fronteira entre os mecanismos da dependência e as táticas cotidianas de sobrevivência, replicando um padrão recorrente de diferentes realidades sociais. No Brasil, dados do 3º Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira, realizado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no ano de 2019, revelam que 9,9% dos brasileiros relatam ter experimentado drogas ilícitas ao menos uma vez na vida. Entre essas substâncias, destacam-se a maconha e seus derivados (haxixe e skank), consumidos por 7,7% dos brasileiros, seguidos pela cocaína (3,1%), solventes (2,8%) e crack (0,9%). Além das drogas ilícitas, o estudo também analisou os padrões de consumo de álcool, revelando que 16,5% dos entrevistados admitiram praticar o consumo abusivo da bebida.

No entanto, a resposta do Estado brasileiro a essa questão tem sido marcada por contradições e ineficiências. A Lei nº 11.343/2006, que tipifica como crime condutas relacionadas à produção, comércio ou distribuição de drogas ilícitas, seus precursores e insumos, apesar de ter representado um avanço ao descriminalizar o porte para consumo pessoal, não conseguiu definir parâmetros claros para distinguir usuários de traficantes. Essa lacuna permite a criminalização seletiva de populações vulneráveis.

O governo brasileiro gasta seis vezes mais, em média, para manter um preso do que para manter um aluno no ensino médio, ou seja: se gasta mais prender uma pessoa para do que para investir em uma política pública que a tornaria menos vulnerável socialmente, inclusive para o abuso e dependência de drogas, ou para o emprego em atividades criminosas (Boiteux, 2013, p. 22).

Os números do 1º semestre de 2024 da Secretaria Nacional de Políticas Penais, órgão do Ministério da Justiça, comprovam essa distorção: o tráfico de drogas é o crime que mais leva pessoas à prisão no Brasil. Havia cerca de 173 mil pessoas presas por esse crime, quase 24% do total. A alta no número de prisões, contudo, não resultou em uma diminuição

expressiva do tráfico, demonstrando que a estratégia repressiva isoladamente não é capaz de solucionar a questão.

A abordagem da mídia sobre o tema, por sua vez, tem agravado esse cenário. Segundo a publicação *Mídia e Drogas - O perfil do uso e do usuário na imprensa brasileira* (2005), realizado pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), a droga está diretamente associada à violência e ao crime na cobertura da imprensa. Na maior parte das matérias, tanto o uso recreativo quanto a dependência são tratados com o mesmo viés pejorativo, retratando os indivíduos como perigos sociais, o que legitima sua marginalização e os transforma em bodes expiatórios, privados de direitos.

Como destaca a antropóloga Alba Zaluar (1994), o Brasil encontra-se décadas atrasado nesta polêmica. A mídia continua reproduzindo visões estigmatizantes e preconceituosas em relação aos usuários, agravando sua marginalização. Essa abordagem atinge principalmente os dependentes químicos, que, diante de um contexto socioeconômico adverso, da violência policial e da falta de assistência médica adequada, são cooptados pelo crime. Diante desse quadro, este trabalho se justifica pela necessidade de desconstruir narrativas estigmatizantes, substituindo o paradigma da “guerra às drogas” por uma abordagem que compreenda a dependência química como uma questão complexa, multifatorial e, acima de tudo, humana.

Diante de um cenário tão amplo, marcado por estatísticas alarmantes, políticas ineficazes e estigmas reproduzidos pela mídia, é urgente dar um passo além da teoria e das análises estruturais. Este trabalho aborda um tema difícil, mas necessário. Sabemos que não foi uma escolha comum — muitos evitam o assunto por medo, preconceito ou desconhecimento. Mas justamente por isso insistimos nele. São histórias de luta e dor que raramente são ouvidas com empatia, e escolhemos olhar para essa questão com a vontade de compreender — e, mais do que isso, de dar voz. Essa realidade das drogas não está distante de nós: ela se revela em rostos conhecidos, como colegas de universidade de Viviane, uma ex-professora, vizinhos e pessoas próximas da família. E em Jonas, que perdeu a avó paterna para o tabagismo e um tio para o alcoolismo.

1.1.1 REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do uso de drogas e da dependência química demanda uma perspectiva multidisciplinar, capaz de integrar fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Após contextualizar a relevância do tema como uma questão de saúde pública e de direitos humanos, torna-se necessário aprofundar o olhar teórico que fundamenta este trabalho,

especialmente no que se refere aos processos de estigmatização e às dinâmicas familiares e sociais envolvidas no consumo de substâncias psicoativas.

A teoria do estigma, proposta pelo antropólogo e sociólogo norte-americano Erving Goffman, oferece um alicerce para a análise da forma como os usuários de drogas são percebidos e tratados socialmente. Goffman (1975) compreende o estigma como um processo de desqualificação social que reduz o indivíduo a uma identidade deteriorada, marcada por atributos negativos. No caso dos usuários de substâncias, os rótulos de “viciado”, “criminoso” ou “marginal” obscurecem as complexidades individuais e impedem a reinserção na sociedade. Essa marca social exclui, afasta e relega o sujeito à invisibilidade, dificultando o acesso a políticas públicas efetivas e a redes de apoio social.

Complementando essa abordagem, Silber e Souza (1998) ressaltam o papel do grupo social e do ambiente familiar na experimentação e manutenção do uso de drogas. A normalização do consumo dentro do convívio cotidiano, especialmente quando associada à ausência de diálogo ou apoio afetivo, transforma-se em terreno fértil para o início do vício. Nesse contexto, o uso de substâncias pode funcionar como uma tentativa de enfrentamento das angústias individuais, atuando como uma estratégia de fuga diante das tensões sociais, econômicas e afetivas que marcam a vida de muitos usuários.

Um dos mais poderosos fatores predisponentes ao uso de substâncias é a influência do grupo de iguais. Um adolescente cujos melhores amigos usam o fumo, o álcool e outras drogas será mais facilmente levado a experimentar do que aquele cujos amigos evitam as drogas e não estão de acordo com seu uso (Silber, Souza, 1998, p.13).

Barreto (2000) aprofunda a análise ao destacar a influência da desestruturação familiar nos padrões de consumo. A ausência de supervisão parental, a permissividade no ambiente doméstico e a repetição de comportamentos entre irmãos configuram um cenário em que o uso de drogas deixa de ser uma exceção para se tornar parte da rotina familiar. Esses elementos fragilizam os vínculos afetivos e tornam o sujeito ainda mais vulnerável à dependência.

Ainda no campo das dinâmicas familiares, é fundamental considerar os processos de formação e estruturação das relações domésticas e como eles se conectam a comportamentos disfuncionais. O consumo de substâncias pode carregar distintos significados simbólicos, desde um gesto de rebeldia diante de figuras de autoridade até uma tentativa desesperada de suprir carências afetivas.

Sob a ótica psicossocial, a Teoria da Autodeterminação, desenvolvida por Edward Deci e Richard Ryan, oferece uma contribuição relevante ao relacionar o uso de drogas à frustração de necessidades psicológicas essenciais, como autonomia, competência e pertencimento. Quando essas demandas não são plenamente atendidas no ambiente familiar, escolar ou comunitário, o indivíduo pode recorrer às substâncias em busca de uma sensação de controle, prazer ou conexão.

Essa abordagem evidencia as limitações das políticas repressivas no enfrentamento do consumo de drogas, uma vez que desconsideram causas estruturais, como o enfraquecimento dos vínculos familiares. Dessa forma, o uso de substâncias persiste como uma forma de compensação individual, contexto em que o estigma recai sobre o usuário, alimentando ciclos de violência e negligência por parte do Estado.

1.1.2 JORNALISMO LITERÁRIO

O Jornalismo Literário consolida-se como uma modalidade jornalística que alia a apuração factual do jornalismo às técnicas narrativas da literatura, resultando em uma abordagem diferenciada para a construção de reportagens. Estabelece-se como uma ponte entre o rigor investigativo do jornalismo e a estética da literatura. Nesse sentido, diferentemente do jornalismo convencional, que frequentemente se limita à superfície dos acontecimentos, o Jornalismo Literário mergulha nas complexidades humanas e sociais que dão significado aos fatos, revelando camadas mais reflexivas da realidade.

Essa forma de narrativa rompe com as estruturas convencionais do jornalismo informativo — especialmente com o lead, modelo criado por Walter Lippmann no século XX —, substituindo a objetividade imediata por uma escrita mais elaborada. Enquanto o jornalismo convencional prioriza responder às perguntas básicas (Quem, o quê, onde, como, quando e por quê), o Jornalismo Literário busca inserir o leitor no universo do acontecimento, valendo-se de recursos como descrições minuciosas, metáforas que capturam emoções e um ritmo narrativo cuidadoso.

Além disso, enquanto o jornalismo tradicional busca neutralidade, o Jornalismo Literário assume abertamente seu ponto de vista, sem abrir mão do compromisso com a verdade factual, o que permite explorar camadas de significado que escapam às fórmulas convencionais de noticiar. Não se trata apenas de entrevistar fontes, mas de conviver com elas, observar seus ambientes, captar seus estilos de vida. Esta abordagem permite ao repórter

reconstituir o que as pessoas fazem, como pensam e sentem — dimensões essenciais para compreender verdadeiramente qualquer fenômeno social.

Pode-se, por exemplo, abrir mão da questionável e duvidosa onisciência em prol de um narrador que não seja apresentado como portador de verdade absolutas; ou relatar um acontecimento mediante as diferentes perspectivas — e vozes sociais — a partir das quais ele é compreendido ou mesmo protagonizado; ou ainda substituir a linearidade e a continuidade temporal por encadeamentos narrativos baseados em outros critérios (Catalão Jr., 2010, p. 176).

Dessa forma, no contexto específico da cobertura sobre dependência química, o Jornalismo Literário se revela adequado e desafiador. A reportagem literária sobre este tema precisa navegar entre dois extremos perigosos: de um lado, o risco de romantizar o sofrimento; de outro, o perigo de reduzir pessoas complexas a meros casos patológicos. A solução está na capacidade de contar histórias individuais sem perder de vista seus contextos sociais mais amplos. Cada trajetória, em última análise, reflete falhas sistêmicas em políticas de saúde, educação e assistência social. Por conseguinte, a ética no Jornalismo Literário assume contornos delicados quando se trata de retratar pessoas em situação de vulnerabilidade.

O jornalista deve estar consciente do desequilíbrio de poder inerente à relação com seus entrevistados. Quando falamos de dependentes químicos, este cuidado deve ser redobrado: como narrar a dor sem explorá-la? A resposta passa por processos de consentimento informado, revisão do material e, sobretudo, por uma postura de alteridade diante das histórias que nos são confiadas.

A linguagem no Jornalismo Literário precisa evitar dois vícios opostos: o cientificismo frio e o sensacionalismo dramático. É possível tratar de temas difíceis sem perder o respeito pelos sujeitos da narrativa. As metáforas, quando bem empregadas, podem iluminar realidades complexas — mas quando mal utilizadas, correm o risco de simplificar ou distorcer. O grande poder do Jornalismo Literário, especialmente em temas polêmicos como uso de drogas, está em sua capacidade de promover a habilidade de nos colocarmos no lugar do outro sem perder nossa capacidade crítica. Ao narrar as histórias de vida por trás das estatísticas, este tipo de jornalismo pode desmontar estereótipos, humanizar debates e, quem sabe, inspirar políticas públicas mais sensíveis e eficazes.

Conforme destaca Pena (2006), as características fundamentais do estilo podem ser sintetizadas na metáfora da “Estrela de Sete Pontas”, em que cada elemento representa um aspecto essencial para essa narrativa: (1) potencializar os recursos do Jornalismo; (2) ultrapassar os limites dos acontecimentos; (3) oferecer amplas visões dos fatos; (4) exercer a

cidadania; (5) romper com o lead tradicional; (6) evitar os definidores primários; e (7) buscar a perenidade. Nessa perspectiva, o livro-reportagem “Me Identifico” assume um caráter perene por seu formato digital e fuga do clichê das fontes de autoridade tradicionais, centrando-se em vozes marginalizadas.

É preciso superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais. Há uma demanda reprimida pela democratização das vozes que se fazem representar na mídia. Torna-se necessário mergulhar no protagonismo anônimo. (Medina, 2003, p. 93).

Dessa forma, “Me Identifico” igualmente cumpre um papel de cidadania ao desestigmatizar pessoas e promover um debate mais humanizado sobre drogas e políticas públicas. O trabalho não se limita ao uso de substâncias, mas explora trajetórias de vida, contextualizando histórias individuais dentro de estruturas sociais mais amplas, como pobreza e violência doméstica.

2. DETALHAMENTO TÉCNICO

2.1.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O nome do livro-reportagem nasceu das experiências vividas nos encontros do Narcóticos Anônimos (NA), localizado na Rua Pernambuco, no bairro da Liberdade, em Campina Grande/PB. A organização foi fundada em 1953 e é reconhecida internacionalmente por seu trabalho de apoio a dependentes químicos. Durante as reuniões que participamos, quando um membro compartilha sua história de luta contra o vício, é comum ouvir dos outros participantes um sincero “Me identifico”. Essa simples expressão, carregada de significado, tornou-se o título escolhido para o trabalho, pois captura a essência do projeto: revelar histórias individuais que, em sua singularidade, refletem dores coletivas. Foi em março de 2025, ao frequentar reuniões do NA em Campina Grande, que compreendemos a força desse lema e decidimos adotá-lo.

Em comum, os relatos compartilham uma narrativa recorrente: infâncias atravessadas por traumas psicológicos, pressão familiar, ausência de saneamento básico e violência doméstica. Esses fatores, articulados às condições sociais mais amplas, evidenciam a multidimensionalidade do tema.

Para essa construção, adotamos como base metodológica as obras de Fabiana Moraes com populações marginalizadas, como a série de reportagens “Ave Maria”, que aborda casos

de violência contra mulheres. Além disso, nos inspiramos na abordagem de Eduardo Coutinho, exemplificada em documentários como *Edifício Master* (2002) e *O Fim e o Princípio* (2006). Em sua perspectiva, a entrevista é um espaço de cocriação, no qual repórter e entrevistado constroem a narrativa juntos.

No mês de março, conduzimos as entrevistas, concentrando-nos principalmente no bairro da Liberdade. As gravações foram feitas utilizando um celular Samsung M34 e um iPhone 8, com os microfones originais dos aparelhos. As conversas seguiram o roteiro predefinido, mas, em certos momentos, aproveitamos brechas nas falas dos entrevistados para incluir perguntas extras, adaptando-nos às experiências e particularidades de cada um.

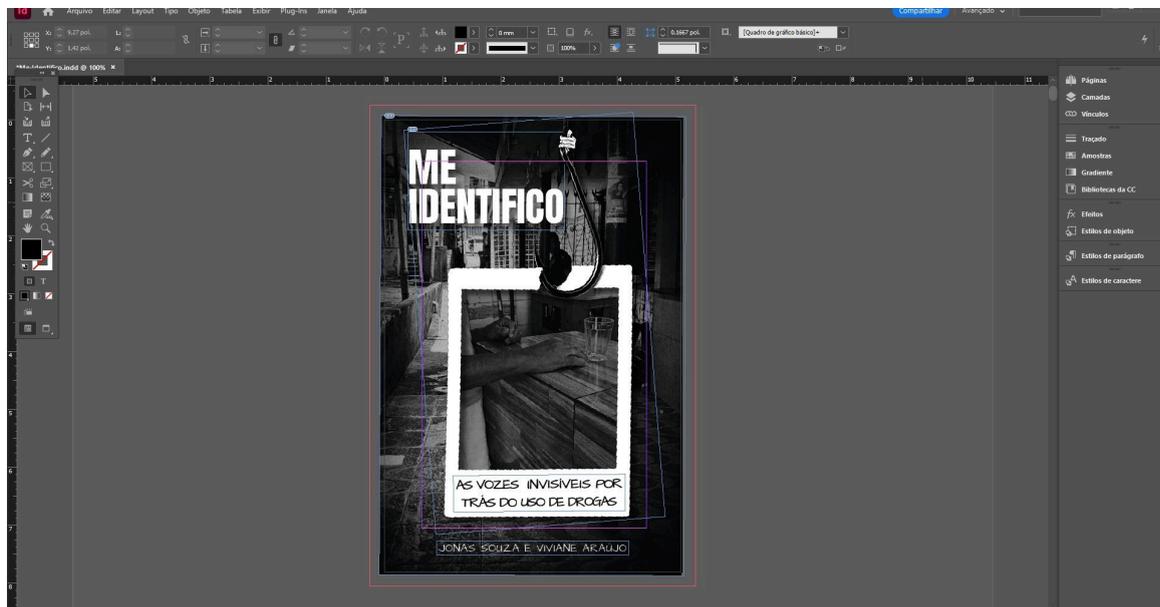
3. PROJETO GRÁFICO

3.1.1 ESTILO VISUAL ADOTADO

Optamos por uma estética inspirada no *film noir*, subgênero do cinema policial que surgiu entre os anos 1940 e 1950, caracterizado por uma atmosfera sombria, uso expressivo de luz e sombra, alto contraste em preto e branco e uma abordagem existencialista dos conflitos humanos. Essa linguagem visual foi escolhida pois buscamos traduzir esteticamente os dilemas internos e a complexidade emocional dos personagens, convidando o leitor a mergulhar em uma realidade densa. Toda a diagramação do livro-reportagem foi desenvolvida no programa Adobe InDesign.

3.1.2 TIPOGRAFIA

Figura 1 - Capa do livro-reportagem “Me Identifico” no Indesign



Captura de tela: Jonas Souza

No título principal, a fonte Anton foi escolhida por sua presença visual impactante, com traços grossos e sem serifa, ideal para chamar atenção em um título. O tamanho 55 garante legibilidade, reforçando a identidade do projeto.

No subtítulo e autores, a fonte Architects Daughter foi utilizada por conta de seu estilo manuscrito e orgânico, contrastando com a rigidez da Anton sem perder harmonia. O tamanho 15 mantém a hierarquia clara entre título e informações secundárias, evitando competição visual.

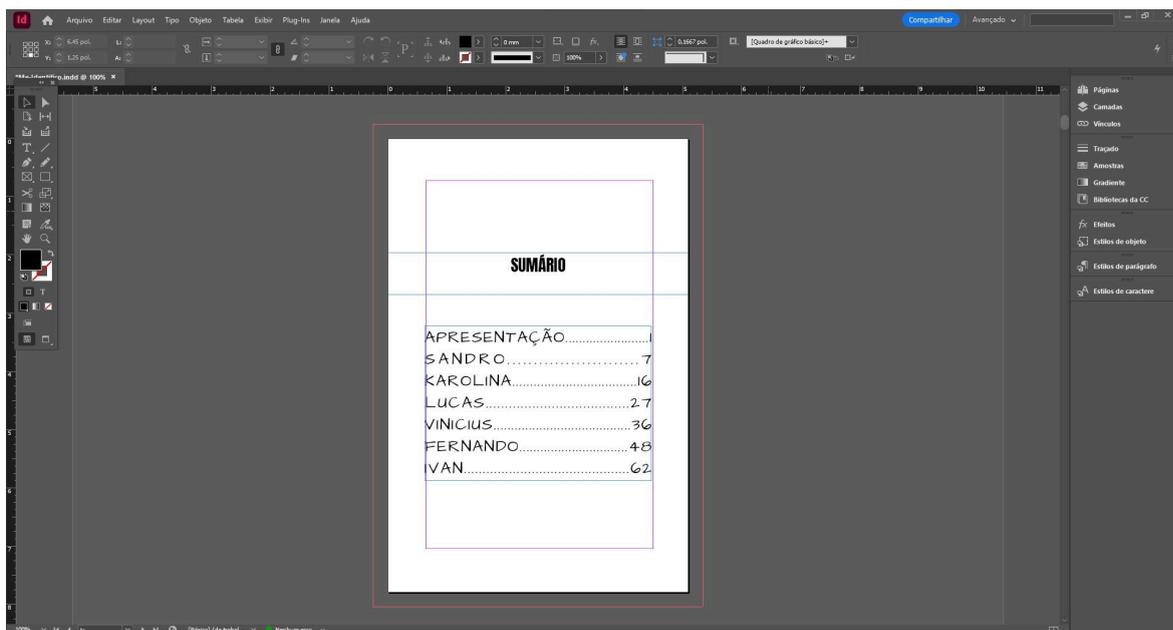
Figura 2 - Segunda capa do livro-reportagem “Me Identifico” no Indesign



Captura de tela: Jonas Souza

A repetição da Anton (usada no título) cria consistência gráfica ao longo do material e na segunda capa, os nomes dos autores, bem como a cidade, o estado e o ano de publicação, foram apresentados com a fonte Architects Daughter, em tamanho 14.

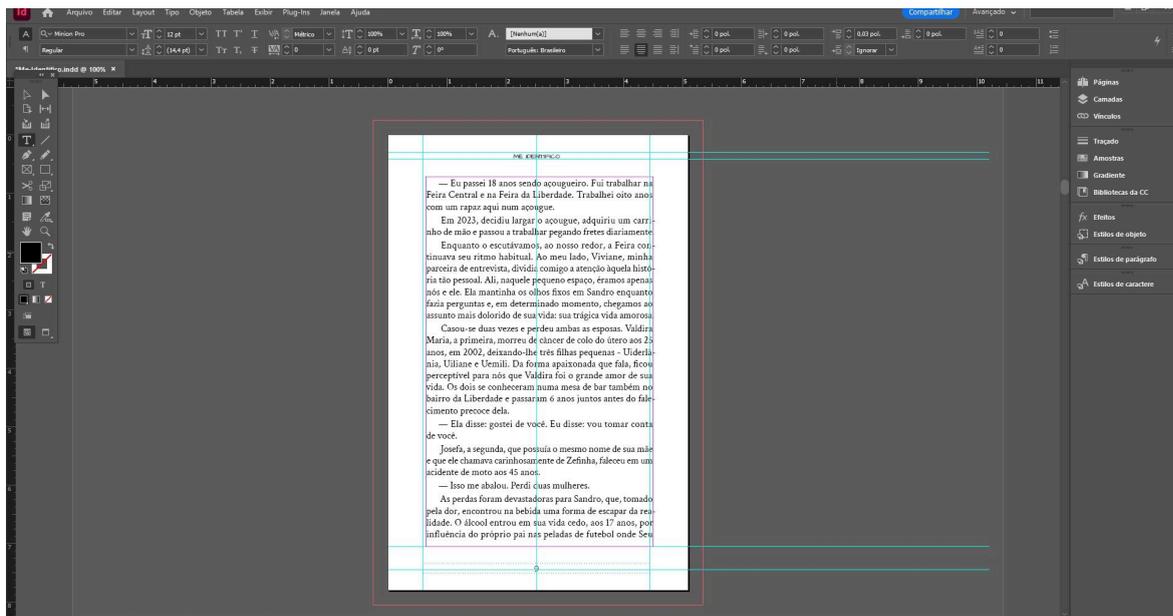
Figura 3 - Sumário do livro-reportagem “Me Identifico” no Indesign



Captura de tela: Jonas Souza

No sumário, a fonte Anton (tamanho 20) foi empregada para o título principal, enquanto os títulos dos capítulos foram destacados com a fonte Architects Daughter, mantendo o mesmo tamanho.

Figura 4 - Corpo do texto do livro-reportagem “Me Identifico” no Indesign



Captura de tela por Jonas Souza

No corpo do texto, a fonte Crimson Text foi escolhida por sua legibilidade em leituras prolongadas, com o tamanho 12 equilibrando conforto visual e economia de espaço. Suas serifas suaves e proporções tradicionais combinam com o tom jornalístico do livro-reportagem. O título da obra aparece acima do texto, em Architects Daughter tamanho 7, e a numeração das páginas em tamanho 10.

4. PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DAS ENTREVISTAS

4.1.1 PROCESSO DE PRODUÇÃO DO PRODUTO MIDIÁTICO

Quando começamos a pensar neste trabalho, sabíamos que queríamos falar sobre algo real - daquelas coisas que a gente vê na rua, escuta nas notícias, mas que poucos param para realmente entender. Foi assim que chegamos às histórias de pessoas que usam drogas. Não como números ou casos clínicos, mas como seres humanos com experiências para contar. Nosso percurso incluiu visitas a grupos de apoio, pesquisas no Google, YouTube e, principalmente, o contato direto com seis participantes cujas narrativas revelaram realidades diversas: desde quem caiu no uso por influência social até quem buscava alívio para dores emocionais ou uma fuga de realidades duras.

Para captar essas experiências de forma abrangente, desenvolvemos um roteiro de entrevista semiestruturado que equilibrou dados objetivos e subjetivos. Começando pelo perfil sociodemográfico (idade, gênero, origem e situação familiar), exploramos depois a infância e juventude dos participantes - analisando dinâmicas familiares, ambientes comunitários e experiências escolares que moldaram suas trajetórias. Investigamos o primeiro contato com substâncias, as circunstâncias, motivações e a progressão do uso, bem como seus impactos (pessoais, familiares, sociais e profissionais). O roteiro também mapeou redes de apoio, estratégias de enfrentamento e perspectivas futuras, revelando tanto vulnerabilidades quanto recursos para superação.

A aplicação do roteiro foi realizada por meio de entrevistas individuais (com média de 45 minutos), conduzidas em três contextos distintos: na Feira da Liberdade, na Praça da Liberdade e remotamente via plataformas digitais. Essa diversidade de ambientes nos permitiu alcançar diferentes perfis de participantes. O processo seguiu três etapas principais: (1) pré-entrevista com apresentação dos entrevistadores e esclarecimento de objetivos; (2) condução flexível da entrevista, com gravação de áudio (mediante consentimento) e adaptação ao fluxo narrativo de cada participante; e (3) encerramento com agradecimentos e explicações sobre o armazenamento ético dos dados.

Embora tenhamos enfrentado desafios como a desconfiança inicial dos participantes e a dificuldade em abordar memórias dolorosas, a estratégia humanizada mostrou-se eficaz. A abordagem em múltiplos contextos, combinada com a escuta atenta e não julgadora, permitiu captar narrativas autênticas e profundas.

Em todas as entrevistas, Jonas e Viviane estiveram juntos — tanto nas três realizadas presencialmente no Bairro da Liberdade quanto nas três feitas remotamente. Nas online, dois entrevistados preferiram não mostrar o rosto durante as videochamadas. Os textos do livro e do relatório foram produzidos pelos dois em uma edição colaborativa no Google Docs, enquanto Jonas ficou encarregado pela diagramação do livro.

4.1.2 SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS

A escolha dos participantes surgiu de forma orgânica, seguindo o fluxo natural de contatos e indicações dentro do universo estudado. O objetivo era ouvir histórias reais de pessoas que vivenciam o uso de substâncias psicoativas, captando dados e nuances de suas experiências, percepções e contextos de vida.

Para manter a relevância e o respeito aos participantes, alguns critérios básicos guiaram a seleção: Idade mínima de 18 anos, assegurando a participação consciente; Histórico de uso de drogas (lícitas ou ilícitas), sem restrições quanto à frequência ou fase (seja uso ativo, abstinência ou tratamento); Clareza cognitiva no momento da entrevista, garantindo respostas coerentes; Participação voluntária, com consentimento livre e informado.

O recrutamento aconteceu de maneira espontânea, sem imposições ou abordagens invasivas. Quatro entrevistados foram indicados por conhecidos, enquanto outros dois foram contatados em encontros do Narcóticos Anônimos, onde a confiança e o acolhimento proporcionados por eles facilitaram o diálogo. Esse método permitiu chegar a pessoas que, muitas vezes, estão à margem de entrevistas tradicionais, mas cujas vozes são essenciais para compreender o tema em profundidade.

No total, seis pessoas compartilharam suas histórias. Cada uma foi informada sobre os objetivos da entrevista, seus direitos e a garantia de anonimato. O respeito pela dignidade e privacidade dos entrevistados foi prioritário em todos os momentos, resultando em narrativas humanizadas, fundamentais para a proposta deste trabalho.

4.1.3 ROTEIRO SEMIESTRUTURADO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS

- **Perfil do Entrevistado**

- Nome;
- Gênero;
- Identidade de gênero;

- Idade;
- Naturalidade e local onde cresceu;
- Grau de escolaridade;
- Estado civil;
- Composição familiar; Nível de escolaridade dos pais e irmãos;
- Condição financeira da família na infância e atualmente.

● **Infância e Juventude**

- Como foi a sua infância e sua convivência com a família?
- Como era a sua casa e o bairro onde cresceu?
- Havia dificuldades como falta de infraestrutura ou violência?
- A escola foi um ambiente positivo para você?
- Havia incentivo dos pais ou familiares para estudar?
- Como eram suas relações de amizade?
- Quais eram as suas principais formas de lazer nessa fase da vida?
- Passou por alguma experiência marcante ou traumática nesse período?
- Teve algum sonho ou objetivo durante a infância ou adolescência?

● **Primeiro contato com substâncias**

- Como era sua percepção sobre drogas antes do primeiro contato?
- Quando e como aconteceu seu primeiro contato com álcool ou drogas?
- Foi algo espontâneo ou houve influência de amigos, familiares ou ambiente?
- Como foi essa experiência para você?

● **Dependência e impactos**

- Quando percebeu que o uso de drogas se tornou um problema?
- Como isso afetou sua vida pessoal, profissional e familiar?
- Já tentou parar por conta própria?
- Já enfrentou violência, abuso, abandono ou discriminação?
- Já passou por algum tipo de tratamento ou reabilitação?
- Como percebe a visão da sociedade em relação aos dependentes químicos?

● **Amizades e relacionamentos**

- Como sua família e amigos reagiram ao seu envolvimento com drogas?

- De que forma o uso de substâncias impactou sua vida sentimental?

● **Religião e espiritualidade**

- A religião ou a espiritualidade fazem parte da sua vida?

- Já buscou apoio em grupos religiosos ou espirituais?

● **Trabalho e perspectiva profissional**

- Atualmente, você trabalha ou estuda?

- Se não trabalha ou estuda, há alguma área profissional que gostaria de seguir?

● **Perspectivas de futuro**

- Tem vontade de sair dessa situação?

- O que poderia te ajudar nesse processo?

- Quais desafios te dificultam buscar ajuda ou se manter longe das drogas?

- Existe algo ou alguém que te motiva a continuar lutando contra o vício?

- Se pudesse voltar no tempo, mudaria algo em sua trajetória?

- Como imagina seu futuro nos próximos anos?

5. MONTAGEM DO LIVRO-REPORTAGEM “ME IDENTIFICO”

Inspirados na abordagem de documentaristas como Eduardo Coutinho e na metodologia da jornalista e professora Fabiana Moraes, buscamos estruturar e interpretar o material, apresentando os personagens por suas falas, por meio da percepção construída a partir de suas vivências e do ambiente que os cerca. Essa perspectiva nos permitiu manter a fidelidade às experiências narradas, sem deixar de considerar a influência do contexto social em que essas histórias se desenrolam.

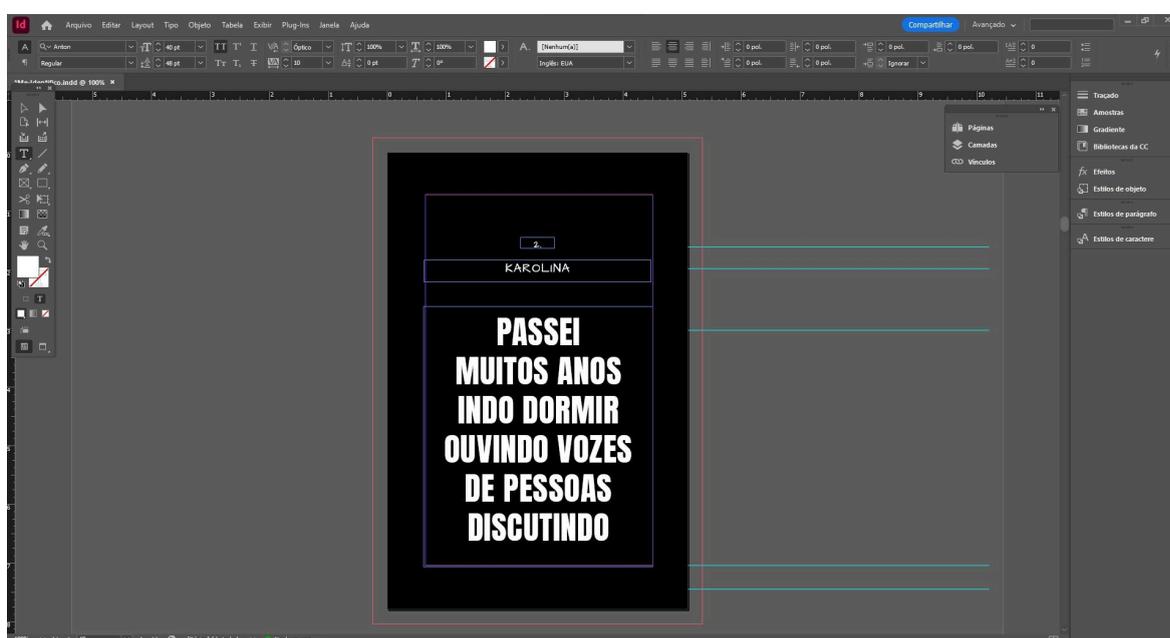
Com as seis entrevistas realizadas, nós iniciamos juntos o processo de decupagem do material. Utilizamos o aplicativo CapCut para converter os áudios em texto, escutamos cuidadosamente cada gravação, transcrevemos o conteúdo, selecionamos os trechos mais significativos, analisamos cada fala em profundidade e, por fim, iniciamos a edição dos textos. Esse trabalho colaborativo foi fundamental para organizar o conteúdo de forma coesa.

Os entrevistados optaram pelo anonimato, tendo seus nomes e dos seus familiares substituídos por pseudônimos. A escolha seguiu a vontade dos participantes e também o amparo legal do Artigo 5º da Constituição Brasileira, que garante aos jornalistas o direito de

proteger suas fontes. Dessa forma, reforçamos o compromisso ético da imprensa em mediar informações sem expor quem contribuiu com seus relatos.

A estrutura do livro não obedeceu à ordem cronológica das entrevistas, mas a uma lógica temática, priorizando a fluidez da narrativa. Cada perfil foi disposto de modo a dialogar com os demais, criando uma rede de vozes e experiências. O livro será disponibilizado em formato digital, por meio de plataformas de publicação como o *Kindle Direct Publishing*, facilitando o acesso e a distribuição da obra ao público interessado.

Figura 5 - Página introdutória do livro-reportagem “Me Identifico” no Indesign



Captura de tela por Jonas Souza

Cada título de capítulo é acompanhado por um trecho marcante da fala do entrevistado, exibido em uma página preta introdutória. A frase de impacto é apresentada com a fonte Anton, em tamanho 40. O nome do personagem aparece em Architects Daughter, tamanho 15, e a numeração do capítulo, também em Architects Daughter, mas em tamanho 12.

Figura 6 - Foto utilizada no capítulo 1

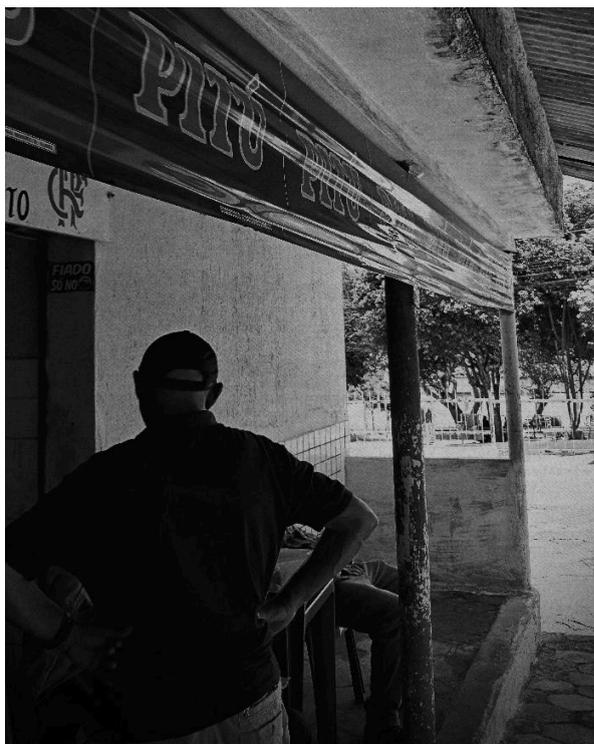


Foto: Jonas Souza

Sérgio, o primeiro personagem retratado no livro-reportagem, trabalha na Feira da Liberdade em Campina Grande. Viúvo duas vezes, o homem de 52 anos buscou refúgio no álcool para lidar com a dor, mas preserva o orgulho do trabalho honesto.

A foto selecionada foi tirada no mesmo local da entrevista, dentro da feira, para manter a ambientação. Assim como as demais fotos do livro-reportagem, a imagem foi convertida para preto e branco no programa Photoscape durante o processo de edição, antes de sua diagramação no InDesign.

Figura 7 - Foto utilizada no capítulo 2



Foto: Viviane Araújo

Karolina, 24 anos, estudante e natural de Campina Grande, carrega as marcas de uma infância marcada pela violência doméstica e instabilidade. Encontrou na maconha e no álcool uma fuga temporária da ansiedade e dos traumas, mas hoje busca equilíbrio por meio da terapia e do autocuidado.

A foto selecionada foi capturada em uma casa abandonada no bairro da Liberdade, onde um grafite de uma menina dialoga simbolicamente com a história de Karolina. A presença do céu na foto cria um contraste, representando luz mesmo em meio à degradação do cenário.

Figura 8 - Foto utilizada no capítulo 3

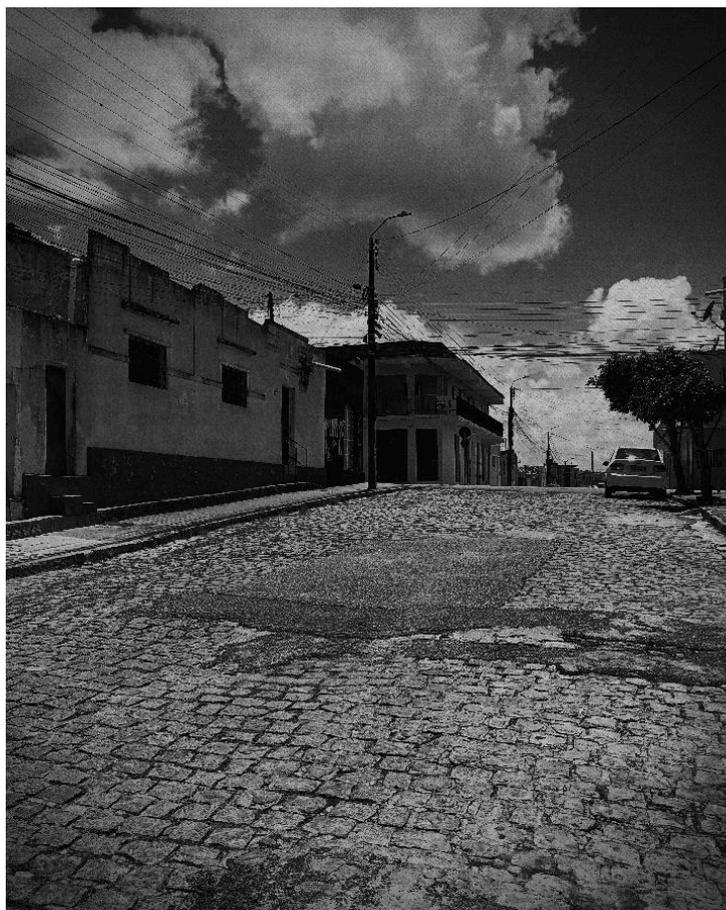


Foto: Jonas Souza

Lucas, 20 anos, estudante de Economia, divide seu tempo entre os estudos e o trabalho. Criado como filho único em um lar com cobranças e conflitos familiares, encontrou na maconha um alívio para a ansiedade que o acompanha desde a adolescência.

A foto selecionada foi registrada em uma rua comum do Bairro da Liberdade, propositalmente escolhida por seu contraste com o relato de Lucas. Enquanto ele descreveu uma infância reclusa, limitada aos arredores de casa, a imagem mostra justamente o espaço urbano que ele pouco explorou.

Figura 9 - Foto utilizada no capítulo 4



Foto: Viviane Araújo

Vinicius, 25 anos, cresceu entre os desafios de Taquaritinga do Norte e Brejo da Madre de Deus, enfrentando pobreza, violência doméstica e preconceito. Hoje, universitário em Campina Grande, carrega as marcas de uma infância difícil, usando substâncias como paliativo para crises de ansiedade.

A fotografia selecionada retrata a Paróquia Santa Filomena no Bairro da Liberdade, escolhida por estabelecer um diálogo semiótico com a trajetória de Vinicius. Embora ele não seja religioso, suas raízes em Brejo da Madre de Deus - conhecido pela tradicional encenação da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém - criam uma conexão simbólica entre sua história pessoal e o imaginário religioso que permeia sua origem.

Figura 10 - Foto utilizada no capítulo 5



Foto: Jonas Souza

Em uma manhã ensolarada no bairro da Liberdade, na praça de frente à Escola Estadual de Ensino Fundamental Murilo Braga, Fernando, 20 anos, compartilhou sua jornada de superação. Ex-dependente químico, hoje ele vive em sobriedade há três anos.

A imagem capturada não mostra Fernando, atendendo ao seu pedido de anonimato. Para representar simbolicamente a cena, convidamos um estudante da escola, que aceitou posar para uma encenação fotográfica. A imagem busca retratar o ambiente onde a entrevista ocorreu, enquanto a figura encapuzada simboliza a identidade enigmática de Fernando.

Figura 11 - Foto utilizada no capítulo 6



Foto: Viviane Araújo

Na praça do bairro da Liberdade, mesmo local onde Fernando concedeu a entrevista do capítulo anterior, Ivan lembrou sua trajetória: da infância marcada por bullying e solidão aos anos de vício e vida nas ruas. Hoje, encontra recuperação no Narcóticos Anônimos.

A foto escolhida mostra a praça onde Ivan foi entrevistado, destacando o banco em que ele compartilhou sua história e a árvore que simboliza crescimento e transformação, refletindo sua trajetória de superação.

5.1.1 CRONOGRAMA DO TRABALHO

Este trabalho surgiu a partir do nosso desejo mútuo de dar voz para grupos marginalizados na sociedade. A partir daí nasceu o desejo de desenvolver um projeto desafiador e humanizado, tanto em termos de produção quanto de crescimento pessoal, a partir da perspectiva do Jornalismo Literário e com base em outros livros-reportagem. A produção e execução do trabalho se deu a partir da seguinte ordem:

15 DE FEVEREIRO	Primeiro contato com a professora Verônica Oliveira para apresentação do pré-projeto.
27 DE FEVEREIRO	Envio do roteiro de entrevista semiestruturado.
4 DE MARÇO	Realização da primeira entrevista com Lucas.
13 DE MARÇO	Realização da segunda entrevista com Sérgio.
14 DE MARÇO	Envio de dois textos para a professora Verônica.
17 DE MARÇO	Realização da terceira entrevista com Karolina.
18 DE MARÇO	Envio do texto para a professora Verônica.
23 DE MARÇO	Realização da quarta entrevista com Vinicius.
30 DE MARÇO	Envio do texto para a professora Verônica.
28 DE MARÇO	Realização da quinta entrevista com Fernando.
1 DE ABRIL	Envio do texto para a professora Verônica.
29 DE MARÇO	Realização da sexta entrevista com Ivan.
3 DE ABRIL	Envio do texto para a professora Verônica.
10 DE ABRIL	Início da diagramação por Jonas Souza.
20 DE ABRIL	Design da capa feita por Jonas Souza.
22 DE ABRIL	Finalização da diagramação.
14 DE MAIO	Finalização do relatório.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nasceu da afinidade com o Jornalismo Literário e seu poder de dar voz, de forma sensível e detalhada, aos invisíveis. Nele, buscamos retratar a realidade de indivíduos que enfrentam batalhas diárias, frequentemente marginalizados pela sociedade.

A proposta do livro-reportagem “Me Identifico” foi ir além dos estigmas e revelar as camadas humanas, sociais e estruturais que permeiam o uso de drogas. Ao narrar essas trajetórias — desde os primeiros contatos com as substâncias até as consequências vividas no âmbito pessoal, familiar e profissional —, fica claro que o problema não se reduz a uma escolha individual ou a um desvio de caráter. Ele está enraizado em fatores como educação familiar, exclusão social, traumas e falta de acesso a serviços de saúde mental.

Os relatos colhidos ao longo do trabalho expõem uma realidade dura: muitos usuários de drogas não encontraram acolhimento nem suporte em momentos cruciais de suas vidas. Em vez disso, enfrentaram preconceito e abandono. Ainda assim, persiste neles a busca por recuperação, dignidade e recomeço — elementos que, lamentavelmente, ainda não são prioridade nas políticas públicas voltadas a essa população. Ao final desta jornada, percebemos que o maior obstáculo à recuperação está no estigma que persegue quem tenta escapar das drogas. Enquanto tratarmos usuários como “mal-caráter”, “vagabundos” ou “criminosos” — e não como indivíduos em crise, lutando contra o próprio sofrimento —, estaremos alimentando o mesmo ciclo que criticamos.

O que separa um usuário marginalizado de alguém “aceito” pela sociedade? Muitas vezes, apenas o CEP, a cor da pele ou a conta bancária. Por isso, o trabalho rompe com a representação clichê que demoniza usuários de drogas, mostrando o que números e políticas públicas ignoram: por trás de cada estatística, há um ser humano.

Ao longo das entrevistas, nós mesmos também nos transformamos. Em muitos momentos, sentimos a escuta se misturar com o impacto emocional. Viviane chorou com a história de Sérgio, especialmente ao ouvir sobre o sonho interrompido de ser jogador de futebol e sua luta solitária contra o vício. A entrevista com ele foi realizada no bairro da Liberdade, curiosamente próximo à sede do Narcóticos Anônimos. Essa coincidência acabou facilitando a produção do trabalho.

Algumas entrevistas nos deixaram sem reação, como foi o caso de Karolina e Vinicius. Apesar de terem acontecido online, foram intensas a ponto de nos fazerem remoer os relatos por dias. Só conseguimos finalizar os textos algum tempo depois, tamanha foi a carga

emocional. Em outras ocasiões, sentimos empatia, mas também uma certa desconfiança. Será que nos contaram tudo? Será que havia mais por trás do que foi dito?

As entrevistas com Fernando e Ivan, as últimas do projeto, foram especialmente sombrias, com relatos mais pesados. A conversa final com Ivan aconteceu num fim de tarde, quando o céu já escurecia. Enquanto falávamos, um filho passou xingando o pai bêbado no meio da rua. Foi uma cena dura, quase simbólica. Aquele sábado ficou gravado na memória: o vento forte, pessoas passando com olhares julgadores enquanto entrevistávamos, e Ivan, que diminuía a voz ou silenciava sempre que alguém se aproximava de nós.

Outra marca comum entre os entrevistados é o ambiente familiar desestruturado. Essa constante nos relatos nos fez refletir sobre a importância do acolhimento em casa. Além disso, chamou nossa atenção o número de pessoas que trabalham ou trabalharam em telemarketing. Essa coincidência evidencia como certas profissões acabam acolhendo quem já passou por tantas rejeições.

Também foi marcante nossa primeira vez em uma reunião do Narcóticos Anônimos. Cada história contada ali nos deixava sem reação. Foi como descobrir um mundo completamente diferente da nossa realidade, um espaço de dor, mas também de esperança.

Os relatos compartilhados são difíceis, mas necessários. Eles nos confrontam com perguntas incômodas: Por que algumas vidas valem mais que outras? Que sociedade é essa que produz tanto sofrimento e depois desvia o olhar? E você, quando foi a última vez que viu um dependente químico como alguém, e não como um problema?

Como resultado, se o nosso livro-reportagem conseguir que ao menos um leitor enxergue os dependentes químicos com novos olhos — como pessoas precisando de suporte —, já terá valido a pena. Porque toda transformação começa pelo olhar. E só um olhar desarmado de preconceito será capaz de enxergar, nas feridas e lutas do próximo, o reflexo da própria humanidade.

7. REFERÊNCIAS

- ANDI (2005). **Mídia e Drogas - O perfil do uso e do usuário na Imprensa Brasileira**. São Paulo: Cortez.
- BARRETO, L. M. **Dependência Química nas escolas e locais de trabalho**. Rio de Janeiro, RJ: Qualitymark, 2000.
- BASTOS, Francisco Inácio Pinkusfeld Monteiro et al. (Org.). **III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT, 2017. 528 p.
- BOITEUX, Luciana; PADUA, J. P. **A Desproporcionalidade da Lei de Drogas**. Os custos humanos e econômicos da atual política no Brasil. CEDD, 2013.
- CATALÃO JÚNIOR, Antonio Heriberto. **Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. 2010. 252f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010
- FIDALGO, T. M.; PAN NETO, P. M.; SILVEIRA, D. X. **Abordagem da dependência química**. Caso Complexo 12 – Vila Santo Antônio. UNIFESP, UNASUS, 2012. Disponível em: <https://maiscursoslivres.com.br/cursos/14bbcc494e679d629dd12bd637bd58e6.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Summus, 2003.
- MORI, Letícia. **96% homens, 48% pardos, 30% sem julgamento: o perfil dos presos no Brasil**. Publicado em: 17 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0k4nmd3e2xo>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS. Informações sobre o NA, c2025. Disponível em: https://www.na.org.br/downloads/PB2302_InfoAboutNA.pdf. Acesso em: 07 abr. 2025.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas Editora; 1993.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006
- SILBER, T. J.; SOUZA, R. P. de. **Uso e abuso de drogas na adolescência: o que se deve saber e o que se pode fazer**. Adolescência Latinoamericana, 1998.
- SOUZA, Cleonilton. **A arte da entrevista**, segundo Eduardo Coutinho. Instituto Humanitas Unisinos (IHU), 2021. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/631470-a-arte-da-entrevista-segundo-eduardo-coutinho>. Acesso em: 08 abr. 2025.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). World Drug Report 2022. Vienna: UNODC, 2022. Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/data-and-analysis/world-drug-report-2022.html>. Acesso em: 08 abr. 2025.

ZALUAR, Alba. **Drogas e Cidadania**: repressão ou redução de riscos. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.17.

8. APÊNDICES

APÊNDICE A: Roteiro de entrevista semiestruturado

ROTEIRO DE ENTREVISTA – DEPENDENTES QUÍMICOS

O roteiro a seguir tem como objetivo traçar um perfil do entrevistado e, posteriormente, explorar suas vivências, incluindo infância, relações familiares, trajetória educacional, primeiro contato com substâncias, impactos do vício e perspectivas de futuro. O roteiro serve como um guia, mas não limita novas perguntas conforme o contexto da conversa.

PERFIL DO ENTREVISTADO

- Nome;
- Gênero/Identidade de gênero;
- Idade;
- Naturalidade e local onde cresceu;
- Grau de escolaridade;
- Estado civil;
- Composição familiar (pais, irmãos, filhos, cônjuge);
- Nível de escolaridade dos pais e irmãos;
- Condição financeira da família na infância e atualmente.

INFÂNCIA E JUVENTUDE

- Como foi a sua infância e sua convivência com a família?
- Como era a sua casa e o bairro onde cresceu?
- Havia dificuldades como falta de infraestrutura ou violência?
- A escola foi um ambiente positivo para você?
- Havia incentivo dos pais ou familiares para estudar?
- Como eram suas relações de amizade?
- Quais eram as suas principais formas de lazer nessa fase da vida?
- Passou por alguma experiência marcante ou traumática nesse período?
- Teve algum sonho ou objetivo durante a infância ou adolescência?

PRIMEIRO CONTATO COM SUBSTÂNCIAS

- Como era sua percepção sobre drogas antes do primeiro contato?
- Quando e como aconteceu seu primeiro contato com álcool ou drogas?
- Foi algo espontâneo ou houve influência de amigos, familiares ou ambiente?
- Como foi essa experiência para você?

DEPENDÊNCIA E IMPACTOS

- Quando percebeu que o uso de drogas se tornou um problema?
- Como isso afetou sua vida pessoal, profissional e familiar?
- Já tentou parar por conta própria?
- Já enfrentou violência, abuso, abandono ou discriminação?
- Já passou por algum tipo de tratamento ou reabilitação?
- Como percebe a visão da sociedade em relação aos dependentes químicos?

AMIZADES E RELACIONAMENTOS

- Como sua família e amigos reagiram ao seu envolvimento com drogas?
- De que forma o uso de substâncias impactou sua vida sentimental?

RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

- A religião ou a espiritualidade fazem parte da sua vida?
- Já buscou apoio em grupos religiosos ou espirituais?

TRABALHO E PERSPECTIVA PROFISSIONAL

- Atualmente, você trabalha ou estuda?
- Se não trabalha ou estuda, há alguma área profissional que gostaria de seguir?

PERSPECTIVAS DE FUTURO

- Tem vontade de sair dessa situação?
- O que poderia te ajudar nesse processo?
- Quais desafios te dificultam buscar ajuda ou se manter longe das drogas?
- Existe algo ou alguém que te motiva a continuar lutando contra o vício?
- Se pudesse voltar no tempo, mudaria algo em sua trajetória?
- Como imagina seu futuro nos próximos anos?